



Os traços de unicidade tópica e complexidade intertópica na diacronia da organização tópica de editoriais de jornais paulistas

Isa Caroline Aguiar Zanin*, Alessandra Regina Guerra e Eduardo Penhavel

Grupo de pesquisa 'Estudos sobre Interdiscursividade e Construção de Textos', Universidade Estadual Paulista, Rua Cristóvão Colombo, 2265, 15054-000, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: isa.zanin@unesp.br

RESUMO. O presente trabalho inscreve-se no quadro teórico-metodológico da abordagem diacrônica de processos de construção textual elaborada no âmbito do Projeto para a História do Português Brasileiro, abordagem que aplica princípios da Perspectiva Textual-Interativa ao estudo diacrônico do texto. O artigo integra-se a pesquisas que vêm investigando como esses processos se desenvolvem diacronicamente em editoriais jornalísticos. A partir da hipótese de que esses textos se originam principalmente de cartas de redator do século XIX, o trabalho seleciona o processo de organização tópica e objetiva demonstrar propriedades tópicas em comum entre cartas oitocentistas e editoriais publicados do século XIX ao XXI, com base no entendimento de que tais propriedades poderiam decorrer de uma continuação diacrônica entre esses textos. Analisam-se cartas e editoriais publicados no estado de São Paulo, em alguns de seus principais jornais. O trabalho dialoga com estudos anteriores, segundo os quais as cartas se caracterizam por unicidade tópica e os editoriais, por complexidade intertópica. O artigo demonstra que, apesar dessa diferença, é possível identificar, com alguma frequência, duas propriedades em comum entre esses textos: a ocorrência do traço de unicidade tópica (típico das cartas) também em editoriais; a presença de complexidade intertópica (típica dos editoriais) também em cartas. Como se argumenta, essas constatações reforçam e especificam a hipótese de que a carta de redator faria parte da origem do editorial jornalístico.

Palavras-chave: perspectiva textual-iterativa; processos de construção textual; diacronia do texto.

A diachronic approach on the use of topic unicity and intertopic complexity in newspaper editorials published in São Paulo State

ABSTRACT. This paper is developed within a diachronic approach that has been formulated in the context of the Project for the History of Brazilian Portuguese. Such approach is based on Textual-Interactive Perspective and focuses on the diachronic study of text construction processes. The article is part of a group of researches that have investigated how these processes evolve in newspaper editorials. A hypothesis is assumed according to which these editorials originate mostly from editor's letters published in the 19th century. The paper addresses the process of topic organization and aims at demonstrating topic properties shared between letters produced in the 19th century and editorials published from 19th to 21st century, based on the premise that the existence of such properties could be a consequence of a diachronic continuity between these texts. The corpus is composed of letters and editorials published in some of the main newspapers of São Paulo State. The discussion interacts with previous studies, according to which the letters are characterized by topic unicity and editorials are characterized by intertopic complexity. The article shows that, despite this difference, it is possible to identify, with certain frequency, two properties shared between these texts: the occurrence of topic unicity (typical feature of letters) in editorials too; the presence of intertopic complexity (typical of editorials) also in letters. The paper argues that these findings reinforce and specify the hypothesis that editor's letters would be in the origin of editorials.

Keywords: textual-interactive perspective; text construction processes; diachrony of text.

Received on February 28, 2024.
Accepted on August 23, 2024.

Introdução

Este artigo insere-se no âmbito de um projeto coletivo de pesquisa denominado Projeto de História do Português Paulista (PHPP) (Santiago-Almeida, 2017), o qual, por sua vez, inscreve-se em um projeto mais amplo, o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) (Castilho, 2018). No contexto desses dois

projetos, formulou-se uma abordagem teórico-metodológica nova, na interface entre Linguística Textual e Linguística Histórica, dedicada ao estudo diacrônico de processos de construção textual, tais como organização tópica, referenciação, repetição, uso de marcadores discursivos etc. Junto a outros fundamentos, a abordagem concebe que a diacronia desses processos é parte da história dos gêneros textuais. O presente artigo filia-se a essa abordagem e se integra a um conjunto de trabalhos complementares entre si (Penhavel & Guerra, 2016; Fontes, 2017; Garcia, 2018, 2019; entre outros) ligados à investigação de como processos de construção textual se desenvolvem diacronicamente no gênero editorial jornalístico, particularmente em editoriais de jornais paulistas.

Em linha com esse conjunto de trabalhos, assumimos aqui a hipótese de que o atual editorial jornalístico se constitui, em grande medida, a partir de cartas de redator do século XIX, isto é, cartas de redator oitocentistas seriam uma das principais origens do atual editorial jornalístico. A partir dessa hipótese (especificada à frente), comparamos, neste artigo, a organização tópica de cartas de redator oitocentistas com o percurso diacrônico da organização tópica de editoriais jornalísticos, considerando um percurso que se estende da segunda metade do século XIX ao início do século XXI. O objetivo mais geral do artigo é descrever características em comum entre as cartas e os editoriais, quanto a formas de implementação da organização tópica, com base no entendimento de que tais características possam ser pensadas, em termos de hipótese, como traços que os editoriais viriam a desenvolver por influência (entre outros fatores) da presença desses traços nas cartas. A motivação desse objetivo é, em última instância, oferecer dados que, posteriormente reunidos aos de outros trabalhos, possam subsidiar uma análise mais ampla de como a carta de redator teria colaborado para a trajetória diacrônica do editorial.

Para essa comparação, reunimos dados de pesquisa empírica por nós realizada com dados de dois estudos já elaborados e integrantes do referido conjunto de trabalhos sobre editoriais. Assim, o percurso diacrônico de editoriais aqui considerado será aquele descrito no estudo de Penhavel (2022) (sintetizado adiante). Sobre as cartas oitocentistas, recorreremos aos dados de Zanin (2018) (também resumidos adiante), que analisa um grupo de 81 cartas, do total de 118 exemplares que compõem o *corpus* de cartas de redator oitocentistas do PHPB/PHPP. Aos dados desse segundo estudo, acrescentamos, então, resultados de nossa pesquisa, dedicada às cartas oitocentistas do PHPB/PHPP que ainda não haviam sido investigadas, isto é, o grupo de 37 cartas restantes (118 menos 81).

No presente artigo, abordamos um aspecto central da implementação da organização tópica em textos: o emprego dos traços de unicidade tópica e complexidade intertópica. Como assumido em pesquisas da área, cada gênero textual apresenta um padrão de uso da organização tópica, marcado, entre outros aspectos, pelos índices em que são empregados, na construção de textos do gênero, o traço de unicidade tópica (que se manifesta quando um texto desenvolve um único tópico) e o traço de complexidade intertópica (relativo a texto com mais de um tópico). Os dois estudos mencionados permitem detectar que as cartas e os editoriais têm diferença significativa entre si, em relação a esses traços: no estudo sobre cartas, o material analisado (que representa grande parte das cartas oitocentistas do *corpus* do PHPB/PHPP – 68,4% dos textos) exhibe uso exclusivo de unicidade; já o estudo sobre editoriais identificou, na amostra investigada, ampla recorrência de editoriais com complexidade. No entanto, no presente artigo, procuramos mostrar que, a partir de uma análise do *corpus* completo de cartas e levando em conta tipos de editorial menos recorrentes, é possível encontrar propriedades tópicas relevantes compartilhadas entre as cartas e os editoriais.

Nesse sentido, o objetivo específico deste artigo é mostrar e discutir a existência de duas características em comum entre as cartas oitocentistas e a diacronia dos editoriais: (i) embora editoriais se caracterizem prototipicamente por complexidade intertópica, há certa recorrência de editoriais com unicidade tópica, traço que é típico nas cartas – trata-se de um fato que pode ser atestado nos dados já levantados no referido estudo sobre editoriais e que será aqui ressaltado, com ênfase na elucidação de sua relevância para a comparação entre as cartas e os editoriais; (ii) apesar de as cartas, via de regra, exibirem o traço de unicidade tópica, existem cartas com complexidade intertópica, traço que é típico nos editoriais – esse fato já implicará comprovação pormenorizada, por ser constatação nova, identificada em nossa própria pesquisa empírica. Em síntese, o objetivo específico do artigo é demonstrar a existência de editoriais com unicidade tópica e (principalmente) de cartas com complexidade intertópica; conforme assume o artigo, a existência desses dois pontos em comum entre as cartas e os editoriais permite cogitar que a unicidade e a complexidade dos editoriais poderiam, em alguma medida, ter recebido influência da ocorrência desses traços nas cartas. Na mesma direção, além de evidenciar as duas constatações referidas, o artigo argumenta que as distribuições percentuais de unicidade e complexidade nas cartas e nos editoriais são realmente compatíveis com um possível percurso de continuidade diacrônica entre esses textos.

O artigo está organizado como segue: a próxima seção sintetiza pressupostos teórico-metodológicos de nossa abordagem diacrônica, inclui uma síntese do processo de organização tópica e resume os dois estudos cujos resultados empíricos serão aqui utilizados; a seção seguinte apresenta o *corpus* de nossa pesquisa e procede à exposição e à discussão de dados; a última seção contém as considerações finais.

Fundamentos teórico-metodológicos e empíricos

A abordagem diacrônica empregada neste artigo fundamenta-se na Perspectiva Textual-Interativa (PTI) (Jubran & Koch, 2006; Jubran, 2006a, 2007, 2015), quadro teórico-metodológico situado no campo da Linguística Textual (Beaugrande & Dressler, 1981; Fávero & Koch, 1983; Koch, 2004) e especializado no estudo sincrônico da construção do texto, mais precisamente no estudo de processos de construção textual, tais como organização tópica, referenciação, repetição, parafraseamento, parentetização, correção, uso de marcadores discursivos etc. A abordagem diacrônica em questão (Jubran, 2010; Penhavel & Cintra, 2022), à qual iremos nos referir como ‘abordagem diacrônica do texto’ (ADT), incorpora o quadro da PTI e o expande com princípios específicos para tratamento diacrônico de tais processos.

Segundo Jubran (2007), a PTI assenta-se sobre a concepção de que as línguas humanas e, concretamente, os textos constituem uma forma de interação social, de realização de ações no mundo – concepção alinhada a uma visão dialógica da linguagem (Bakhtin, 2003). A ADT parte também dessa concepção de língua/texto. A abordagem assume que, a cada texto empírico, os processos textuais são empregados conforme a ação realizada por esse texto e que é o gênero textual que define a ação realizada pelo texto, a qual corresponde à finalidade sociocomunicativa do gênero. A ADT entende, assim, que o uso dos processos (o modo como se materializam nos textos) varia de acordo com os gêneros, de tal forma que esse uso, ao longo do tempo, fica sujeito a alterações, em função de mudanças que venham a ocorrer nos gêneros.

A abordagem chega, assim, a seu princípio teórico-metodológico central, o de que a diacronia dos usos dos processos é parte da história dos gêneros, devendo o estudo diacrônico de um processo ser sempre circunscrito à esfera da história de um dado gênero. A noção de gênero da abordagem é a que se encontra em Marcuschi (2000, 2002, 2008) e Koch (2002) e que se ancora amplamente em Bakhtin (2003), sendo a noção de que os gêneros constituem espécies de texto relativamente estáveis, caracterizadas por conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e, sobretudo, finalidade sociocomunicativa.

Conforme se assume na ADT, a mudança diacrônica dos processos textuais é, de fato, uma consequência da constituição dos gêneros. Recuperando Marcuschi (2000, 2002, 2008), a abordagem admite que os gêneros são práticas históricas, vinculadas a necessidades sociais dos falantes, sendo manifestações discursivas dinâmicas, com estabilidade relativa. Junto com Koch (2002), entende-se que os gêneros, como outros produtos sociais, estão sujeitos a alterações, devido a transformações sociais e a novos procedimentos verbais. Nesse sentido, para a abordagem, a diacronia de um processo textual, num dado gênero, é parte do fenômeno natural de variação histórica desse gênero.

A ADT incorpora ainda, de modo complementar, conceitos do modelo de Tradição Discursiva (TD) (Kabatek & Simões, 2004; Kabatek, 2006), também voltado para o estudo, entre outros fenômenos, da diacronia do texto. Na esteira da concepção de linguagem de Coseriu (1980, 1987, 2007), esse modelo assume que a linguagem envolve dois domínios de desenvolvimento histórico: a historicidade das línguas e a dos textos. O primeiro refere-se ao percurso do sistema gramatical e do léxico de uma língua. O segundo, concebido sob o reconhecimento de que, numa cultura, a elaboração de textos segue padrões tradicionalmente estabelecidos, engloba a evolução dessas tradições. Como explicam Longhin (2014) e Andrade e Gomes (2018), a historicidade dos textos abrange um acervo textual, culturalmente armazenado por uma comunidade, o qual serve como um conjunto de modelos linguísticos tradicionais – as TDs. Para a ADT, é nesse domínio da historicidade dos textos que se insere a diacronia dos processos de construção textual.

A hipótese de que cartas de redator oitocentistas fariam parte das origens do editorial jornalístico é assumida nos estudos de Gomes (2007), Zavam (2009) e Sales (2011), que, filiando-se justamente ao modelo de TD, investigam a história de editoriais pernambucanos, cearenses e cariocas, respectivamente. Aqui, adotamos a hipótese das autoras, estendendo-a ao cenário paulista. Em particular, Gomes (2007) defende que, no século XIX, teria circulado na imprensa brasileira um conjunto de diferentes modalidades de texto, nomeadas por rótulos variados, mas que estariam ligadas entre si, todas sendo expressão do que se poderia classificar genericamente como editorial (termo tomado em sentido amplo, sem a especificação de ‘editorial jornalístico’). Nesse conjunto encontram-se textos referidos como ‘carta do editor’, ‘carta ao leitor’, ‘artigo

de fundo' e 'carta de redator'. Esse conjunto de textos teria se desenvolvido, originando, no decorrer do século XX e até o século XXI, também um conjunto de textos reconhecíveis como subtipos da categoria geral de editorial, tal como a atual carta de redator, o editorial de revista e, enfim, o denominado 'editorial jornalístico'.

Nosso entendimento, com base em Gomes (2007), é o de que, no âmbito da história da categoria mais ampla de editorial (a chamada 'tradição editorialística'), cada tipo de texto oitocentista (por exemplo, a carta de redator) teria contribuído para a formação de mais de um tipo de texto atual (como a carta de redator e o editorial jornalístico); ao mesmo tempo, cada tipo atual (como o editorial jornalístico) teria recebido influência de mais de uma modalidade de texto oitocentista (por exemplo, a carta de redator e o artigo de fundo). Ou seja, entre o referido conjunto de textos oitocentistas e o respectivo conjunto de textos atuais, é possível distinguir várias trajetórias diacrônicas interligadas: o desenvolvimento da carta de redator oitocentista na própria carta de redator atual; o caminho do artigo de fundo oitocentista ao editorial jornalístico atual; e, entre outros, o percurso aqui focalizado da carta de redator ao editorial jornalístico. Portanto, a trajetória em foco constitui apenas uma rota, entre outras, de constituição do editorial jornalístico. Porém, a partir de Gomes (2007), Zavam (2009) e Sales (2011), é possível tomar essa rota como uma das mais relevantes, já que os três trabalhos indicam a carta de redator do século XIX, de fato, como a principal origem do atual editorial jornalístico.

Nossa assunção de que o editorial jornalístico decorreria da carta de redator (bem como de outras fontes) encontra respaldo ainda no trabalho de Koch (2021), inserido também nos estudos sobre TDs, no qual o autor discute que o surgimento de novas práticas discursivas não é um fato independente de outras já existentes. Conforme explica o autor, uma nova TD nunca surge *ex nihilo* (do nada) (Koch, 2021), mas está sempre apoiada em uma tradição existente, ou seja, as inovações emergem de adaptações do que já existe. Exemplos fornecidos pelo autor são o caso dos primeiros panfletos que surgiram na Europa no final do século XV, depois do invento da impressão, apoiados em TDs já existentes na época, como a história (em oitava), e o caso da notícia de jornal, que teria se originado a partir da impressão de cartas e relatos enviados por correspondência (relatos do correspondente). Fundamentos como esses colaboram, enfim, para embasar nosso propósito de estudar como as cartas oitocentistas teriam influenciado os editoriais, em termos de organização tópica.

Conforme proposto em Jubran et al. (2002) e Jubran (2006b) no âmbito da PTI, a organização tópica é o processo central de construção de textos – ver também Pinheiro (2003, 2005) para uma discussão sobre a noção de tópico da PTI. É a organização de um texto em partes, no que tange aos tópicos (temas, assuntos) abordados. Como vêm assumindo vários trabalhos (Oliveira, 2016; Valli, 2017; Hanisch, 2019, 2023; Souza, 2020; entre outros), o processo pode implementar-se em um texto de duas formas básicas: um texto pode desenvolver um único tópico, exibindo o traço de unicidade tópica, ou pode desenvolver dois ou mais tópicos, adquirindo o traço de complexidade intertópica.

No segundo caso, o texto todo abordará um mesmo tópico mais amplo, o tópico global (TG), e estará dividido em duas ou mais partes, cada uma focada num tópico que será uma especificação do TG e que constituirá um subtópico (SbT) do TG. Cada um dos SbTs do TG poderá abranger o tratamento de dois ou mais tópicos ainda mais específicos, os seus próprios SbTs, e assim por diante, formando uma estrutura tópica hierárquica, abstrata, subjacente à materialidade textual. Os SbTs mais específicos da hierarquia tópica de um texto (que não contêm seus próprios SbTs) são rotulados de 'SbTs mínimos'.

Na materialidade textual, cada tópico (TG, SbTs intermediários da hierarquização, SbTs mínimos e, inclusive, o único tópico de um texto, no caso de unicidade tópica) é desenvolvido por um conjunto de enunciados, o segmento tópico (SegT). Os SegTs que desenvolvem os SbTs mínimos constituem SegTs mínimos. Dessa forma, a materialidade textual consistirá em um encadeamento de SegTs mínimos¹. Em caso de unicidade tópica, o próprio texto inteiro, abordando um único tópico, constitui um único SegT, correspondente ao que seria, em textos de complexidade intertópica, um SegT mínimo.

Em um texto, a instauração de diferentes tópicos (bem como a construção de seus SegTs) caracteriza-se pela propriedade da centração tópica, que caracteriza também a instauração do único tópico de um texto, em caso de unicidade tópica. A partir do que postula Jubran (2006b), a centração pode ser sintetizada como uma propriedade da organização tópica que consiste na instauração de um tópico em um texto, mediante a construção de um conjunto de enunciados concernentes entre si e que focalizam esse tópico em um dado ponto do texto, o que envolve três traços: concernência, a construção de um conjunto de enunciados interdependentes semanticamente, em torno de um tópico (enunciados voltados para um mesmo campo

¹ No caso de complexidade intertópica, como o texto envolve uma estrutura hierárquica, o fragmento textual que constitui um SegT é igual à soma dos fragmentos que constituem seus respectivos SegTs mínimos.

conceitual); relevância, a organização desse conjunto de modo a focalizar tal tópico; pontualização, a reunião desses enunciados em um mesmo momento do texto (Jubran, 2006b). Neste artigo, a centração será o critério usado para demonstrar quando um texto contém mais de um tópico.

Os estudos de Zanin (2018) e Penhavel (2022), que, como mencionado, tratam de cartas de redator e editoriais respectivamente e que serão relevantes para nossa análise empírica, permitem ilustrar o processo de organização tópica. O exemplo em (1), do primeiro deles, é uma carta de redator oitocentista com unicidade tópica.

- (1) Pedimos aos nossos benignos leitores desculpa de **algumas incorrecções que tem** 1
aparecido nesta folha. D'ora em diante haverá todo cuidado em **corrigir** os artigos que 2
 tiverem de ser publicados. Uma folha diaria, como a nossa, accarreta immenso trabalho em seu 3
 começo, e para superal- o escapão **muitas imperfeições,** que só o habito e o tempo **as** irá 4
 fazendo desaparecer. (*Correio Paulistano*, 07/07/1854; Zanin, 2018, p. 71; grifos nossos). 5

Segundo o referido estudo sobre cartas, esse exemplar desenvolve, unicamente, o tópico 'Incorrecções que têm aparecido no jornal', estando todos os enunciados do texto centrados nesse assunto: no início (*ll.* 1-2)², o escrevente pede desculpas pelas incorrecções; em seguida (*ll.* 2-3), promete corrigir novos artigos (aparentemente para que cessem as incorrecções); mais ao final (*ll.* 3-5), pondera sobre a ocorrência de incorrecções no periódico. De fato, a centração nesse tópico, em toda a carta, é evidente, especialmente nas passagens negritadas, que são mais claramente concernentes entre si, estando voltadas para o tópico identificado, e que se distribuem do começo ao final do texto, indicando a relevância desse tópico³. Nota-se, portanto, o desenvolvimento de um único tópico, não se instalando outro ponto de centração, o que configura a unicidade tópica da carta.

Já o texto em (2), da segunda metade do século XX, extraído do citado estudo sobre editoriais, exhibe complexidade intertópica⁴:

- (2) [TG: *Irrelevância da nota de protesto argentina sobre o fechamento das comportas da usina de Ilha Solteira*]
- [SbT mínimo 1: *Necessidade de considerações sobre o protesto, apesar de sua irrelevância* → SegT mínimo 1:]
 O governo brasileiro respondeu, com grande serenidade, à nota do representante da Argentina 1
 na comissão que reúne os países integrantes da Bacia do Prata, em que se protestava contra 2
 o fechamento das comportas de Ilha Solteira, a que se teria procedido sem previa 3
 comunicação oficial àquele país. [...]. Desta forma, a nota de Buenos Aires deixa de ter maior 4
 significado [...]. **O assunto merece, porém, algumas considerações, dado o amplo** 5
noticiário a que deu origem [...]. 6
- [SbT mínimo 2: *Ausência de justificativas políticas para o protesto* → SegT mínimo 2:]
 A questão de Ilha Solteira pode ser considerada sob três aspectos: o político, o economico e 7
 o tecnico. Do **ponto de vista político**, as interpretações [...] apresentadas [...] procuram 8
 explicar a nota argentina pelo desejo, do **presidente Lanusse**, de arrebatar a Cãmpera a 9
 oportunidade de assumir uma **posição pretensamente nacionalista** [...]. Não acreditamos, 10
 entretanto, que isto explique a **posição do representante argentino** [...]. Com efeito, se fosse 11
 essa sua intenção, o **presidente Lanusse** [...] teria escolhido outro **canal diplomatico** [...]. 12
- [SbT mínimo 3: *Ausência de justificativas econômicas para o protesto* → SegT mínimo 3:]
 Por outro lado, a nota perdeu expressão do **ponto de vista prático**, uma vez que nem a 13
 Argentina, nem qualquer outro governo poderá insurgir-se contra uma usina que já está 14
 concluída. A formação do reservatório é só o passo final para que [...] os primeiros geradores, 15
 já instalados, comecem a produzir energia. Além disso, trata-se de um **empreendimento da** 16
ordem de 1 bilhão de dólares, ao qual se acrescentam mais **400 milhões** [...]. 17
- [SbT mínimo 4: *Ausência de justificativas técnicas para o protesto* → SegT mínimo 4:]
 Por fim, do **ponto de vista técnico**, escasseiam também argumentos que possam justificar 18
 uma crítica àquela obra, e isso por duas razões: 1 – A Ilha Solteira localiza-se **a montante** 19
do reservatório da usina de Jupíá. Por conseguinte, é este reservatório, e não o de Ilha 20
 Solteira, que **regula a vazão do rio Paraná em seu curso rumo ao território argentino.** 21
 [...] 2 – A Argentina só tirará benefícios da regularização do rio Paraná, proporcionada pelas 22
 represas de Ilha Sólteira e Jupíá [...], pois **não mais haverá descontrolados períodos de** 23
grandes cheias e secas, peculiares àquele rio [...]. 24

² Na referência aos exemplos, a palavra 'linha' e seu plural abreviam-se respectivamente por 'l.' e 'll.'.

³ Em todos os exemplos, as partes em negrito são as mais claramente concernentes entre si e que mais expressamente focalizam o tópico em curso, sendo, pois, as passagens que melhor evidenciam esse tópico.

⁴ Para leitura das notações entre colchetes que precedem os SbTs mínimos, tome-se como exemplo a notação do SbT mínimo 1, que pode ser lida da seguinte forma: o SbT mínimo 1, intitulado *Necessidade de considerações sobre o protesto, apesar de sua irrelevância*, é desenvolvido, na materialidade textual, pelo SegT mínimo 1, formado pelo seguinte conjunto de enunciados (o fragmento nas *ll.* 1-6).

[SbT mínimo 5: *Irrelevância do protesto* → SegT mínimo 5:]

A nota de protesto do delegado argentino à Comissão da Bacia do Prata, a resposta do Brasil, a formação da represa de Ilha Solteira [...], são, por conseguinte, **fatos consumados** que **não exigem maior cuidado ou atenção** dos técnicos e diplomatas responsáveis, tal a **irrelevância do protesto** e a **inutilidade do debate** em torno de um **problema que não existe** [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 04/04/1973; Penhavel, 2022, p. 75-76; grifos nossos).

25
26
27
28
29

Para Penhavel (2022), o editorial em (2) manifesta centração tópica em cinco SbTs mínimos. O TG é reconhecido como ‘Irrelevância da nota de protesto argentina sobre o fechamento das comportas da usina de Ilha Solteira’. No âmbito desse TG, as ll. 7-12, por exemplo, são analisadas como estando centradas na ‘Ausência de justificativas políticas para o protesto’, o que seria atestável, entre outros fatores, por trechos concernentes entre si que remetem à questão política, como “ponto de vista político”, “presidente Lanusse” e “posição pretensamente nacionalista”. A partir da l. 13, seria encerrada a abordagem desse tópico, não havendo mais passagens diretamente atinentes a ele. A centração passa a incidir sobre o tópico ‘Ausência de justificativas econômicas para o protesto’, conforme passagens como “ponto de vista prático [econômico]”, “empreendimento da ordem de 1 bilhão de dólares”, “400 milhões”. Trata-se, pois, de um caso de editorial com complexidade intertópica.

A pesquisa de Zanin (2018) sobre cartas de redator oitocentistas averigua 81 cartas, o que abrange extensa parte da amostra do PHPB/PHPP acerca desses textos (quase 70% da amostra). Nesse material, apura-se uso exclusivo de unicidade tópica⁵. Já o trabalho de Penhavel (2022) sobre editoriais identifica tendência inversa. São comparados resultados de quatro sincronias: segunda metade do século XIX (19-2), primeira e segunda metade do século XX (20-1 e 20-2) e início do XXI (21-1). No material da sincronia 19-2, 87,5% dos editoriais ostentam complexidade, enquanto 12,5% apresentam unicidade; na amostra de cada uma das demais sincronias, 100% dos editoriais têm o traço de complexidade. Portanto, nos dados em questão, prevalece amplamente o emprego de complexidade. Na próxima seção, demonstramos que, na verdade, a unicidade, típica das cartas, ainda aparece nos editoriais e que a complexidade, típica dos editoriais, já se manifesta nas cartas.

Antes, porém, de prosseguir para a análise de dados, cabe explicitar, particularmente, a relevância da tarefa de identificar que a complexidade já se manifesta nas cartas, isto é, convém esclarecer a seguinte questão: se as cartas podem ser tomadas como manifestações primeiras do editorial, não seria esperado que a complexidade, característica dos editoriais, naturalmente já aparecesse nas cartas? A esse respeito, nosso entendimento, especialmente com base em Koch (2021) e Gomes (2007), é o de que, em uma dada trajetória de transição entre dois tipos de texto (como a trajetória da carta de redator ao editorial), não necessariamente todos os aspectos que marcam a organização tópica do segundo tipo já teriam ocorrido no primeiro (assim como nem todos os aspectos que marcam o primeiro irão necessariamente reaparecer no segundo).

Primeiramente, é necessário considerar que unicidade e complexidade são apenas dois aspectos que podem caracterizar um tipo de texto, ao lado de vários outros, como a formação ou não de quadros tópicos, o conjunto de estratégias de linearização intertópica empregadas, as formas de estruturação intratópica utilizadas etc. Além disso, deve-se reconhecer, conforme mencionado, que um novo tipo de texto (como o editorial) não teria em sua origem apenas um outro tipo (como a carta de redator), mas um conjunto de textos (entre os quais, o artigo de fundo), o que faz incidir, sobre um texto em formação, várias influências diferentes. Assim, tomando a carta como uma das fontes do editorial, é esperável que vários aspectos tópicos do editorial já tenham aparecido nas cartas, mas é também possível que, por fatores como particularidades de finalidade, estilo, extensão textual etc., certos aspectos do editorial (como a complexidade) não tenham ocorrido nas cartas, podendo ter sido empregados em outra(s) fonte(s) do editorial (como o artigo de fundo), ou podendo ainda ter sido uma inovação do próprio editorial.

Daí, justifica-se, a nosso ver, a tarefa empírica de identificar se (e como) a complexidade dos editoriais já se manifestaria nas cartas.

Corpus e análise de dados

Conforme mencionado, analisamos aqui dados de investigação por nós realizada sobre cartas oitocentistas, reunidos a resultados dos dois estudos anteriormente sintetizados. O estudo sobre a diacronia de editoriais (Penhavel, 2022), que analisou as sincronias 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1, baseou-se em amostragens coletadas no contexto do PHPB/PHPP e compostas da seguinte forma, respectivamente: 24 editoriais do jornal

⁵ Em tal estudo, a escolha das 81 cartas ocorreu pelo fato de esses textos apresentarem uniformidade de ‘organização intratópica’, nível de análise, porém, que não se mostra relevante para o presente artigo.

O Estado de S. Paulo publicados entre 1875 e 1886; 24 editoriais desse jornal veiculados entre 1923 e 1928; 24 editoriais do mesmo periódico distribuídos entre 1973 e 1978; 15 editoriais novamente desse periódico e 10 da *Folha de S. Paulo*, todos de 2016. O estudo sobre cartas (Zanin, 2018) e nossa própria pesquisa utilizaram o *corpus* de cartas de redator oitocentistas também do PHPB/PHPP (Barbosa & Lopes, 2006), que é composto por 118 cartas, publicadas entre 1827 e 1900 nos principais jornais paulistas da época, como *Correio Paulistano* e *Farol Paulistano*⁶.

Como o intervalo de publicação das cartas abordadas é o período 1827-1900, como a trajetória de editoriais considerada tem início no interior desse intervalo, em 1875, e tendo em vista, conforme Pilagallo (2012), que 1875 é a data de fundação do jornal *O Estado de S. Paulo* (principal fonte dos editoriais), pode-se conceber que o *corpus* de cartas representa uma realidade integrante do contexto no qual nasce a diacronia de editoriais em pauta. Trata-se, pois, de uma articulação de datas e materiais condizente com o propósito de examinar como cartas oitocentistas teriam influenciado o desenvolvimento de editoriais. Uma vez que o material de cartas inclui textos da primeira e da segunda metades do século XIX, remetemos a essa sincronia como ‘19-1/2’. Assim, o trajeto completo aqui observado abarca as sincronias 19-1/2 > 19-2 > 20-1 > 20-2 > 21-1, sendo o material da primeira dessas sincronias composto por cartas e os materiais seguintes, por editoriais, o que constitui realmente material representativo de uma possível continuidade diacrônica entre esses textos.

Como relatado na seção anterior, o estudo sobre editoriais apurou que os exemplares examinados caracterizam-se amplamente por complexidade intertópica: na amostra 19-2, o traço é predominante; nas seguintes, ocorre com exclusividade. Inversamente, o trabalho sobre cartas acusou, no material analisado, emprego exclusivo de unicidade. Dessa forma, a comparação entre essas pesquisas coloca em evidência uma diferença entre as cartas e os editoriais: nestes textos prevalece a complexidade, e aqueles são marcados por unicidade⁷. Porém, esse cotejo também já revela o primeiro aspecto em comum que queremos destacar entre esses textos, que é a ocorrência, também nos editoriais, de unicidade tópica, traço típico das cartas. Apesar de aparecer em baixo percentual (12,5%), o traço, de fato, verifica-se nos editoriais, particularmente na primeira sincronia desses textos, a fase 19-2 (que coincide com o período de publicação das cartas, marcadas pela unicidade tópica).

Incluindo na comparação os nossos dados, constata-se o segundo ponto em comum aqui em foco: nas cartas que examinamos (37 exemplares), todas da sincronia 19-1/2, detectamos novos textos com unicidade (24 casos), mas também atestamos a existência de cartas com complexidade (13 exemplares), traço típico dos editoriais. Somando nossos dados aos do estudo anterior sobre cartas oitocentistas, obtém-se o seguinte resultado, agora relativo ao *corpus* completo de cartas: 89% das cartas exibem unicidade (105 de 118 textos) e 11% (13/118) têm complexidade. Embora seja baixo o índice de complexidade, a apuração é relevante em termos qualitativos, ao atestar a segunda propriedade compartilhada entre as cartas e os editoriais.

Para elucidar a ocorrência de editoriais com unicidade tópica (todos situados na sincronia 19-2), recuperamos o exemplo em (3), extraído do estudo sobre editoriais:

- (3) **A eleição do dia 5 no 7º districto | veio confirmar mais uma vez a colli- | gação** 1
monarchica. Os conservadores | não apresentaram candidato e apoia- | ram francamente o 2
do partido liberal. || Deu-se ainda o accôrdo no terreno | em que foi collocada a “questão mo- 3
| mentosa” e ligaram-se em defeza com- | mum. || **Foi derrotado o candidato republi- | cano.** 4
|| Julgam talvez os adversarios do | novo partido que lhe causaram com | isso um prejuizo e 5
concorreram para o | seu atraso. Illudem-se; **os republica- | nos têm tudo a ganhar com a** 6
colliga- | ção monarchica. || Depois das explicações explicitas | do orgam conservador, a 7
politica libe- | ral na provincia entrou em phase nova | e ficou provada a manifesta tendencia 8
| dos partidos monarchicos para a fu- | são. || Já não se diferenciavam pelas idéas | e pelas 9
praticas do governo; e agora | unem-se apesar de se acharem em | campos oppostos, no poder 10
e na oppo- | sição. || **O partido conservador, dando ar- | rhas do seu amor á monarchia,** 11
con- | tenta-se em um districto com a missão | de carregar em “charola” o general vi- | 12
ctorioso das hostes liberaes, que pro- | clama orgulhoso aos seus soldados | que semelhante 13
honra lhe foi confe- | rida espontaneamente. || [...] || Tudo indica, pois, que vamos em | breve 14
vêr em lucta só dous partidos, o | republicano e o monarchista. || A fusão começa pelo “quasi 15
inteiro | accôrdo sobre a momentosa questão | que agita o paiz” ... || Depois ... supprimirão o 16
“quasi”. (*A Provincia de S.Paulo*, 11/08/1886; Penhavel, 2022, p. 74; grifos nossos). 17

⁶ Na referida pesquisa sobre editoriais, encontram-se informações detalhadas sobre o rol de editoriais investigados. Já o *corpus* completo de cartas oitocentistas encontra-se em Barbosa e Lopes (2006).

⁷ A prevalência de complexidade nos editoriais e de unicidade nas cartas é um fato possivelmente atrelado à extensão desses textos. Observando gêneros textuais diversos, embora não se encontre correlação categórica entre a extensão de um texto e o número de tópicos desenvolvidos, pode-se notar que textos mais extensos (como o editorial, comparativamente à carta de redator) tendem a desenvolver mais tópicos, enquanto textos menos extensos tendem a desenvolver menos tópicos ou a exibir unicidade. Nesse sentido, é provável que a diferença de extensão dos editoriais e das cartas, junto a outros fatos, como diferenças de finalidade comunicativa, esteja correlacionada ao comportamento desses textos em termos de complexidade e unicidade, correlação que não chegamos a controlar neste trabalho, mas que consideramos uma questão relevante a ser ainda explorada.

Em (3), pode-se notar que o enunciado inicial, “a eleição [...] coligação monarchica” (ll. 1-2), introduz o tópico tratado em todo o texto, isto é, a tese da confirmação da coligação monárquica em eleição então recente, e os demais enunciados listam argumentos para essa tese. Por exemplo, o enunciado “foi derrotado o candidato republicano” (l. 4) atua, de fato, como argumento para a referida tese, já que é possível interpretar que tal candidato seria opositor da coligação monárquica; também assim opera um fragmento como “o partido conservador [...] contenta-se em um districto” (ll. 11-12), ao revelar o apoio que a coligação monárquica estaria recebendo, uma vez que o partido conservador, que não teria lançado candidato próprio, não sendo, pois, vitorioso no pleito, estaria, de toda forma, manifestando “amor á monarchia”, satisfazendo-se com o que lhe restaria na ocasião (“contenta-se em um districto”). Essa configuração textual (uma tese acompanhada de seus argumentos) mantém, no caso, o mesmo tópico no texto todo, sem promover contração em novo assunto, instalando, assim, unicidade tópica no editorial.

Como mencionado, a existência de editoriais com unicidade é um fato que pode ser depreendido a partir dos dados da investigação já realizada sobre editoriais, sendo aqui ressaltado e (mais adiante) discutido, de modo a focalizar sua relevância no contexto da comparação diacrônica entre as cartas e os editoriais. Já a presença de complexidade intertópica entre as cartas requer uma demonstração detalhada, por ser uma constatação nova de nossa própria investigação. A carta em (4) fornece um exemplo do caso:

(4) [Tópico global: *Questões levantadas em uma carta de leitor publicada pelo jornal*]

[SbT mínimo 1: *A questão de um assassinato* → SegT mínimo 1:]

A questão suscitada pela primeira carta do Senhor = Inimigo da policia militar = parece 1
 feita para continuar. Nós porém que entendemos, que da ulterior ventilação d’**ella** nenhum 2
 proveito virá ao publico, [...], damos fim a **ella** pela nossa parte. E com effeito, já não está 3
 em poder de ninguem sobre a terra o restituir á vida a **victima innocente, o homem pacifico,** 4
 que soubera apprender virtudes [...]: já não está em poder de ninguem o arrancar do peito de 5
seo assassino, quem quer que **elle** seja, os remorsos que o ralão [...]. Para que è pois o insistir 6
 mais com **uma questão,** que não remedeia nada, e que sò serve para encher de **lucto** os 7
 corações sensiveis com a recordação do **desastroso facto, que nos tem ainda como** 8
pasmados? || São estas as razões em que nos fundamos para declarar em tom que se oiça, 9
 que estamos firmemente determinados a não admittir mais em a nossa folha correspondencia 10
 alguma relativa a **este objecto;** e no caso que os Senhores empenhados n’**esta questão,** 11
 queirão continuar com **ella,** a imprensa está prompta para trabalhar nas horas [...] em que 12
 estiver desimpedida da impressão d’esta folha; e o mais que podemos fazer, é recomendar 13
 aos incumbidos da distribuição dos números d’**ella,** que não re [[re]]cusem a ajunctar lhes 14
 essas correspondencias, a fim de que cheguem à mão dos nossos subscriptores. || 15

[SbT mínimo 2: *A questão da supressão de um parêntese de outra carta* → SegT mínimo 2:]

Restão duas palavras para nos justificarmos das increpações que nos faz o Senhor = Inimigo 16
 da Policia Militar = por causa da **supressão da parenthese.** O motivo porque fizemos 17
 aquella declaração, foi o não termos tempo de consultar o nosso illustre Correspondente o 18
 Senhor = Sentinella = sobre o nosso escrupulo ácerca da **dita parenthese.** Em quanto ao que 19
ella continha, talvez serião palavras picantes, talvez serião indecentes, talvez serião sòmente 20
 ambigvas, [...], talvez **semelhante parenthese** nem existio. Nada d’isto com tudo 21
 asseveramos, pois o que é certo sòmente, é que desde que o dicto Senhor Correspondente 22
 com o seo silencio approvou a **supressão que fizemos,** foi o mesmo que se não tivesse 23
 escripto **taes palavras,** e se **elle as** não escreveo, não é preciso que ninguem **as** saiba. || Em 24
 outra occasião não tomaremos tanto tempo com a nossa justificação, da qual pouco o nenhum 25
 proveito resulta ao publico. || O Redactor. (*Farol Paulistano*, 02/05/1827; grifos nossos). 26

De acordo com nossa análise, nessa carta é possível distinguir, além do TG, dois SbTs (já SbTs mínimos) – conforme explicado, as passagens destacadas nos exemplos são as que mais claramente evidenciam o tópico em curso.

O primeiro, desenvolvido nas ll. 1-15, seria uma questão levantada em uma carta (possivelmente de leitor), pelo referido “Inimigo da policia militar”, relativamente ao assassinato de certa pessoa (o fragmento menciona, por exemplo, “victima innocente”, “seo assassino”). Pode-se notar, inclusive, uma cadeia referencial que remete a essa questão, formada pelas seguintes expressões, distribuídas do início ao fim do trecho que distinguimos como relativo a esse tópico: “a questão suscitada pela primeira carta do Senhor = Inimigo da policia militar =” (l.1), “**ella**” (l. 2), “**ella**” (l. 3), “uma questão [...] facto” (ll. 7-8), “**este objecto**” (l. 11), “**esta questão**” (l. 11), “**ella**” (l. 12)⁸. Além

⁸ Um recurso produtivo para alçar um referente (objeto de discurso) ao estatuto de tópico, em um fragmento textual, é a instauração, ao longo desse fragmento, de uma cadeia Acta Scientiarum. Language and Cululture, v. 47, e71471, 2025

dessas expressões correferenciais, há outras passagens diretamente concernentes com essa cadeia, como: “a victima innocente” (l. 4), cujo assassinato é a questão evocada na referida cadeia; “seo assassino” (l. 6), o responsável pelo assassinato a que remete a cadeia. Esses dados permitem considerar que o tópico do fragmento em pauta pode ser tomado como ‘A questão de um assassinato’.

A ocorrência de dois SbTs em (4) fica clara na mudança de centração detectável na l. 16 e mantida até o final do texto. Nesse novo fragmento (ll. 16-26), não há mais expressões que se refiram à questão em destaque no fragmento precedente, passando a carta a centrar-se em nova questão. Isso pode ser reconhecido no primeiro enunciado dessa nova fase da carta: “Restão duas palavras para nos justificarmos das increpações que nos faz o Senhor = Inimigo da Policia Militar = por causa da suppressão da parentese” (ll. 16-17). A construção “restão duas palavras para nos justificarmos d[e] x” pode ser interpretada como uma forma de introduzir um tópico, indicando que, a partir de então e até o final, a missiva abordará a temática introduzida por essa construção, isto é, as increpações que o “Inimigo da Policia Militar” teria feito, em sua carta, por causa da suppressão de um parêntese de outra carta (a carta do “Senhor = Sentinella =”).

De fato, o restante do texto centra-se na supressão de tal parêntese, contendo, por exemplo, uma cadeia referencial diretamente ligada a essa questão, cadeia relativa ao parêntese em si: “[d]a parentese” (l. 17), “a dita parentese” (l. 19), “ella” (l. 20), “taes palavras” (l. 24), “as” (l. 24), “as” (l. 24). Nesse sentido, na l. 23, próxima do final do texto, nota-se a expressão “a suppressão que fizemos”, correferencial com a própria expressão “a suppressão da parentese” (l. 17), inserida no início do fragmento em análise (ll. 16-26). Desse modo, pode-se concluir que as ll. 16-26 abordam um segundo SbT, o qual intitulamos ‘A questão da supressão de um parêntese de outra carta’.

Portanto, distinguimos em (4), além do TG, dois SbTs. Ou seja, trata-se de carta com complexidade intertópica. Também o exemplo em (5) ilustra o caso:

(5) [Tópico Global: *Perspectivas positivas de desenvolvimento da Provincia de São Paulo para o novo ano*]

[SbT mínimo 1: *Perspectivas positivas sobre o ano que começa* → SegT mínimo 1:]

O ANO DE 1856 || **Bem vindo** seja o **anno que hoje começa!**.. Preza a deos que **a lisongeira prespectiva com que o encaramos** se torne uma realidade, e que livres e desassombrados caminhemos com passo firme para a realização **das esperanças que hoje concebemos.** || Poupados como esperamos da bandade Providencial, por esse terrivel hospede denominado – cholera-morbus – **o anno que hoje encetamos se nos apresenta sob a mais lisongeira influencia para o desenvolvimento das forças vitaes desta provincia.** ||

[SbT mínimo 2: *Perspectivas de contribuição da Caixa Filial* → SegT mínimo 2:]

O estabellecimento da ciaixa [caixa] filial do banco imprimido um novo e poderoso impulso à lavoura vai tiral-a desse estado estacionario em que definha, [...], influir poderosamente sobre o commercio, e em geral sobre todos os generos de industria. || **Um estabellecimento de credito**, a cuja testa se achão como garantia homens de **fortuna**, que tem prestado seus esforços pela prosperidade de seu paiz **não pode deixar de ser muito vantajosos ao futuro desenvolvimento desta provincia.** [...]. || Graças pois a todos esses patrioticos cidadãos á cujos esforços se deve **tal instituição**, e cujos nomes são muito conhecidos [...]. || Exige porém a imparcialidade que especializemos desde já o Excelentissimo Senhor Barrão d’Iguape como o que mais sollicitude tem desenvolvido pela **instalação da caixa filial**, que datar de hoje começa **as suas operações.** ||

[SbT mínimo 3: *Perspectivas de contribuição do jornal* → SegT mínimo 3:]

É pois com tão felizes auspicios que começa o anno de 1856, e o **Correio Paulistano** que hoje transpõe o limiar do terceiro de **sua publicação** não póde deixar de congratular-se com a provincia [...], e de assegurar que **se exforçará** quanto fôr possivel por acompanhar a faze de progresso em que vamos entrar, **não poupando sacrificio** algum para corresponder **á sua missão.** Neste proposito acabamos de fazer **acquisição de dous collegas** em cujo peito pulsa [...] **o amor patrio; elles nos** auxiliarão na gloriosa empreza de elevar-nos **nossa folha** á um grão de progresso compativel com o futuro que se nos antolha. || Assim pois a par da discussão [...] sobre os melhoramentos de nossa terra, [...] encontrarão sempre **os leitores** o extracto fiel [...] de todos os acontecimentos [...] que constituem uma das mais importantes **missões da imprensa** – isto é, **a parte noticiosa.** || M. S. (*Correio Paulistano*, 1856; grifos nossos).

referencial relativa a tal referente ou a outro referente a ele vinculado. A cadeia conterá expressões naturalmente concernentes entre si (correferenciais), em torno de um mesmo referente em construção, e, distribuindo-se ao longo de todo o fragmento, contribuirá para dar relevância a esse referente, nesse fragmento particular do texto. Ou seja, cadeias referenciais constituem estratégia produtiva para estabelecer a centração tópica (com seus traços de concernência, relevância e pontualização), sendo, na análise tópica, um critério eficaz para a identificação dos tópicos de um texto. Como se verá, esse recurso mostrou-se recorrente no material que analisamos.

Nessa carta, pode-se reconhecer o TG ‘Perspectivas positivas de desenvolvimento da Província de São Paulo para o novo ano’, sendo essas perspectivas abordadas em três SbTs mínimos. Nas ll. 1-6, as boas perspectivas referem-se ao ano em si. Nesse excerto, concentram-se segmentos que codificam a noção de boas perspectivas e que a remetem ao novo ano, como “a lisongeira prespectiva com que o encaramos” (l. 1-2). No decorrer do excerto, há, inclusive, uma cadeia referencial relativa ao novo ano: “o anno que hoje começa” (l. 1), “o” (l. 2), “o anno que hoje encetamos” (l. 5).

Nas ll. 7-16, outra centração é instalada. Nesse fragmento, não se verificam referências ao ano que começa. Na l. 7, é introduzido novo referente, “[d]a caixa [caixa] filial do banco”, passando a missiva a centrar-se, até a l. 16, nas perspectivas de desenvolvimento da província advindas da instalação dessa agência bancária. Há uma cadeia referencial sobre esse referente, espalhada no decorrer do fragmento: “[d]a caixa filial do banco” (l. 7), “um estabelecimento de credito [...] seu paiz” (ll. 9-11), “tal instituição” (l. 13), “[d]a caixa filial” (l. 15). Para além da própria cadeia, outras passagens atinentes ao tema da Caixa Filial aparecem no fragmento, como “o estabelecimento” (l. 7), “fortuna” (l. 10) etc.

A l. 17 marca nova mudança de centração e inicia novo excerto (ll. 17-26) reconhecível como tendo estatuto tópico. Nesse excerto, interrompem-se as menções à Caixa Filial, passando o texto a incidir sobre as expectativas de colaboração que o próprio periódico irá proporcionar à província, como fica evidente na seguinte passagem (bem como em outras partes, destacadas na transcrição da carta): “[o *Correio*] se exforçará quanto fôr possível por acompanhar a faze de progresso em que vamos entrar” (ll. 19-20).

Ainda como forma de atestar a existência de cartas com o traço de complexidade na amostragem que analisamos, observe-se a missiva em (6):

(6) [Tópico global: *Problemas enfrentados pelo periódico Aurora Paulistana*]

[SbT mínimo 1: *Dificuldades para manter a regularidade de publicação* → SegT mínimo 1:]

Aos nossos assignantes. || No numero 21 desta folha prevenimos a nossos assignantes de que a publicação de um periodico [...] encontra sempre **grandes embaraços**. || Não desconhecendo que o credito de uma folha depende da regularidade de sua publicação, [...] temos envidado todos os esforços para conseguir esse desideratum. Entretanto temos luctado com **grandes dificuldades**, e entre ellas **a falta de pessoal para montar a typographia, que não se encontra n’esta cidade** tem produzido alguma irregularidade na nossa publicação; accrescendo a **esses embaraços materiaes** que [...] **tiverão de ausentar-se desta cidade dois de seus collaboradores**. Finalmente [...] **foi necessario interromper os nossos trabalhos para mudar a typographia** para uma caza mais accommodada a este estabelecimento.

[SbT mínimo 2: *Censuras recebidas do jornal “Mercantil”* → SegT mínimo 2:]

Todos que se achão encarregados de empresas d’esta natureza não ignorarão quão difficil é venser taes embaraços e por isso muito nos admiramos de que **o Mercantil [...] nos queira envolver na sua mania de tudo censurar sem criterio**. Não fazemos do jornalismo empresa industrial [...]. Se invocamos a coadjuvação de todos os nossos correligionarios politicos é porque desejamos estabelecer n’esta cidade um orgão de suas ideas; e desde que possamos contar com grande numero de assignaturas abaixaremos a importancia d’ellas; de algumas faltas que tenham apparecido [...] serão os nossos assignantes devidamente indemnizados. È em attenção a elles que escrevemos estas linhas, pois **as infundadas censuras de Mercantis** nós lançamos ao mais completo despreso. (*Aurora Paulistana*, 25/03/1852; grifos nossos).

A mesma análise das cartas anteriores leva-nos a dividir a missiva em (6) em dois SbTs mínimos. No âmbito de um TG interpretável como ‘Problemas enfrentados pelo jornal Aurora Paulistana’, é possível distinguir um primeiro excerto (ll. 1-9) centrado em um desses problemas, as ‘Dificuldades para manter a regularidade de publicação’. O tema é ressaltado por expressões que se referem genericamente a tais dificuldades de regularidade de publicação, como “grandes embaraços” (l. 2), e por passagens que relatam especificamente quais seriam as dificuldades, como “tiverão de ausentar-se desta cidade dois de seus collaboradores” (ll. 7-8).

No bloco seguinte (ll. 10-18), há uma nova centração, referente a outro problema, as ‘Censuras recebidas do jornal *Mercantil*’, reconhecível pelos trechos “o *Mercantil* [...] nos queira envolver na sua mania de tudo censurar”, no início do bloco (ll. 11-12), e “as infundadas censuras de Mercantis”, em seu término (l. 17). Entre esses trechos, encontram-se respostas da *Aurora Paulistana* às censuras, portanto, enunciados atinentes a essas censuras, como “de algumas faltas [...] serão os nossos assignantes [...] indemnizados” (ll. 15-16). Como aqueles dois trechos e os referidos enunciados, todos concernentes entre

si, distribuem-se no decorrer de todo o bloco, pode-se dizer que o bloco realmente põe em relevância o tópico das censuras lançadas pelo jornal *Mercantil*⁹.

A nosso ver, as duas propriedades em comum entre as cartas e os editoriais aqui focalizadas – ocorrência de editoriais com unicidade tópica, traço típico das cartas, e existência de cartas com complexidade, traço típico dos editoriais – são, de fato, significativas para a reflexão sobre a história desses textos. Ambas as propriedades representam uma clara semelhança entre eles, tornando plausível pensar que tais características poderiam decorrer de uma continuidade diacrônica entre eles.

Quanto à unicidade tópica, sua ocorrência minoritária nos editoriais, frente a sua presença majoritária nas cartas, pode ser pensada como um “resquício” das cartas nos editoriais. Essa ideia parece pertinente, sobretudo quando se vê que a unicidade dos editoriais ocorre na primeira fase (19-2) do percurso desses textos. Se a unicidade aparecesse em outra das três fases da trajetória dos editoriais (20-1, 20-2 ou 21-1), após alguma(s) fase(s) marcada(s) pelo uso exclusivo de complexidade, não seria uma análise acurada ligar essa unicidade a um efeito advindo das cartas. Todavia, a presença de unicidade na primeira fase dos editoriais torna plausível pensar que um fator para isso poderia ter sido, realmente, a influência das cartas. Nesse sentido, cabe destacar o quão expressiva é a unicidade nas cartas, presente em 89% dos exemplares, expressividade que habilita cogitar que esse traço das cartas poderia acarretar impacto em outros tipos de texto relacionados a elas.

A esse respeito, é válido considerar que a primeira sincronia de editoriais em análise (19-2) seja um período em que esse tipo de texto está em fase de constituição, especialmente tendo em vista o *corpus* de editoriais aqui em pauta, composto majoritariamente por exemplares de *O Estado de S. Paulo*. Como mencionado, esse jornal é fundado em 1875 (Pilagallo, 2012), partindo dessa data os textos da primeira sincronia de editoriais, e, por sua vez, as cartas em foco distribuem-se entre 1827 e 1900, de forma que a trajetória diacrônica de editoriais aqui considerada inicia-se dentro do período de publicação das cartas (sendo essas cartas integrantes do contexto de “nascimento” da diacronia de editoriais aqui analisada). Dessa forma, é legítimo pensar que um traço forte de tais cartas poderia influir sobre o editorial jornalístico em período inicial de constituição, fase em que o gênero não estaria ainda mais plenamente consolidado.

Também como visto anteriormente, Gomes (2007) esboça uma história de formação do editorial jornalístico, na qual distingue, previamente ao editorial, um conjunto de textos que o teriam originado (entre os quais a carta de redator oitocentista). Nessa sequência histórica, a autora reconhece a categoria do editorial jornalístico, inclusive com esse rótulo, somente a partir do século XX, o que reforça nossa visão de que a primeira sincronia de editoriais aqui considerada (19-2), situada previamente à entrada do século XX, seria um momento de formação mais inicial do editorial, fase em que esse tipo de texto, ainda não consolidado, estaria mais sujeito à influência de outros textos. Acerca dessa possível influência das cartas sobre os editoriais, vale lembrar as postulações teóricas de Koch (2021) (ver seção anterior), segundo as quais o surgimento de novas práticas discursivas é decisivamente influenciado por práticas prévias.

Assim como a existência de editoriais com unicidade tópica, também a existência de cartas com complexidade é um fato relevante aqui. O fato significa a presença, já nas cartas, de um traço que será prototípico nos editoriais, podendo a complexidade detectada nas cartas ser cogitada como um dos fatores para a organização intertópica que irá caracterizar o editorial.

Novamente, a primeira sincronia de editoriais é crucial. Como, nessa fase, a complexidade é empregada de modo prevalente (não exclusivo) e como, nas sincronias subsequentes, torna-se traço exclusivo, é possível depreender, nos editoriais, um percurso marcado pela tendência de ampliação no uso desse traço, rumo a seu emprego com exclusividade, como fica evidente observando a sequência dos percentuais desse traço na diacronia dos editoriais: 87,5% (19-2) > 100% (20-1) > 100% (20-2) > 100% (21-1). Quando os dados das cartas são alocados como início desse percurso (num trajeto cartas > editoriais), a tendência se mantém, já que esses dados se ajustam ao percurso ascendente de complexidade: 11% (19-1/2) > 87,5% (19-2) > 100% (20-1) > 100% (20-2) > 100% (21-1).

Esse encaixamento quantitativo das cartas na trajetória dos editoriais, formando um contínuo crescimento (seguido de estabilidade) de complexidade intertópica, reforça nossa visão de que a complexidade presente nas cartas poderia ter sido um início de emprego de complexidade num percurso diacrônico cartas de redator > editoriais, um dos fatores para a complexidade que vem a caracterizar estes últimos textos.

⁹ As demais dez cartas em que apuramos complexidade intertópica (para além das três aqui analisadas) são as identificadas com os seguintes números no *corpus* de cartas de redator oitocentistas do PHPB/PHPP, disponível em Barbosa e Lopes (2006): 398, 401, 423, 496, 497, 506, 531, 533, 534, 535.

Conclusão

Neste artigo, comparamos cartas de redator oitocentistas com editoriais jornalísticos publicados do século XIX ao XXI. O trabalho foi realizado com base na hipótese de Gomes (2007), Zavam (2009) e Sales (2011) de que aquelas cartas seriam uma das origens do editorial e com base no entendimento de que propriedades compartilhadas entre esses textos poderiam ser decorrentes, em alguma medida, de uma continuidade diacrônica entre eles. De fato, os dados revelam dois aspectos em comum: os editoriais, embora se caracterizem predominantemente por complexidade intertópica, manifestam também unicidade tópica, traço típico das cartas; estas, embora marcadas por unicidade, exibem também complexidade, típica dos editoriais. Para nós, essas constatações reforçam a hipótese de que as cartas fariam parte da origem do editorial, indicando dois aspectos envolvidos numa possível continuação diacrônica entre esses textos.

Uma apuração mais consolidada sobre em que medida a unicidade e a complexidade dos editoriais teriam sido influenciadas pela presença desses traços nas cartas dependerá da reunião de nossos resultados aos de outras descrições que apliquem a análise aqui realizada a demais elementos da organização tópica, como as quantidades de SbTs mínimos nos textos, as formas de hierarquização tópica usadas e os procedimentos de estruturação interna de SegTs mínimos. Se, em relação a esses elementos, também forem encontradas propriedades em comum entre as cartas e os editoriais, reforça-se a hipótese de continuidade diacrônica entre esses textos, e ganham relevância, em prol dessa hipótese, as próprias constatações aqui oferecidas.

Além desse tipo de pesquisa descritiva, serão cruciais, para se entender a relação entre cartas e editoriais, trabalhos interpretativos que relacionem os dados de estruturação tópica a outros aspectos desses textos, por exemplo aspectos primariamente interacionais, como suas finalidades comunicativas – ver Penhavel e Guerra (2016) e Hanisch (2019), que relacionam a topicalidade de editoriais e artigos de opinião às finalidades desses gêneros. A unicidade de nossas cartas parece ligar-se ao propósito de o redator “resolver” com os assinantes, de forma prática e pontual, sem maiores discussões, um assunto de editoração do periódico, como no exemplo em (1), sobre incorreções nas publicações. Já em editoriais, é possível perceber, conforme Penhavel e Guerra (2016), e também com base em Garcia (2018) e Gomes e Zavam (2018), a finalidade, da redação do jornal, de elaborar uma discussão mais complexa, no caso sobre assuntos políticos, econômicos, sociais, como se vê em (2), o que seria refletido em textos com complexidade intertópica. A nosso ver, a existência de cartas com uma discussão mais detalhada (embora, em geral, restrita a questões editoriais), projetada em textos com complexidade, como mostrado em (4), (5) e (6), poderia ter sido um dos gatilhos para o despertar do editorial com complexidade. Ou seja, o jornal poderia ter visto, na carta com complexidade – e, então, no editorial com complexidade – um meio para discutir e veicular suas posições.

Nossa percepção é a de que descrições como as fornecidas no presente artigo possam ser um passo para a formulação de explicações dessa natureza acerca da história dos gêneros e da diacronia dos processos textuais neles empregados.

Referências

- Andrade, M. L. C. V. O., & Gomes, V. S. (2018). Tradições discursivas: reflexões conceituais. In M. L. C. V. O. Andrade, & V. S. Gomes (Org.), *História do português brasileiro: tradições discursivas do português brasileiro* (pp. 23-43). Contexto.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal* (4a ed.). Martins Fontes.
- Barbosa, A., & Lopes, C. (Orgs.). (2006). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Beaugrande, R. A., & Dressler, W. (1981). *Introduction to text linguistics*. Longman.
- Castilho, A. T. (2018). *História do português brasileiro: o português brasileiro em seu contexto histórico*. Contexto.
- Coseriu, E. (1980). *Lições de linguística geral*. Ao Livro Técnico.
- Coseriu, E. (1987). *Gramática, semântica, universales: estudos de lingüística funcional*. Gredos.
- Coseriu, E. (2007). *Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Arco/Libros.
- Fávero, L. L., & Koch, I. G. V. (1983). *Linguística textual: introdução*. Cortez.
- Fontes, M. G. (2017). Inserções parentéticas em editoriais paulistas do século XIX. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26(1), 389-420. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.1.389-420>

- Garcia, A. G. (2018). *Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista].
- Garcia, A. G. (2019). Sistemática na organização interna de segmentos tópicos mínimos em editoriais de jornais paulistas do século XXI. *Linguagem em (Dis)curso*, 19(3), 487-504. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-190308-0619>
- Gomes, V. S. (2007). *Traços de mudanças e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco].
- Gomes, V. S., & Zavam, A. (2018). O editorial de jornal. In M. L. C. V. O. Andrade, & V. S. Gomes (Org.), *História do português brasileiro: tradições discursivas do português brasileiro* (pp. 44-81). Contexto.
- Hanisch, C. V. (2019). *O processo de organização tópica em artigos de opinião de alunos da Universidade Federal do Acre* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista].
- Hanisch, C. V. (2023). Topicalidade em produções escritas de alunos do ensino superior. *Linguagem em (Dis)curso*, 23, 1-18. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-23-35>
- Jubran, C. C. A. S. (2006a). Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 48(1), 33-41. <https://doi.org/10.20396/cel.v48i1.8637253>
- Jubran, C. C. A. S. (2006b). Tópico Discursivo. In C. C. A. S. Jubran, & I. G. V. Koch (Org.), *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado* (pp. 89-132). Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Jubran, C. C. A. S. (2007). Uma gramática textual de orientação interacional. In A. T. Castilho, M. A. T. Morais, R. E. V. Lopes, & S. M. L. Cyrino (Org.), *Descrição, história e aquisição do português brasileiro* (pp. 313-327). Pontes.
- Jubran, C. C. A. S. (2010). Diacronia dos processos constitutivos do texto. In D. Hora, & C. R. Silva (Org.), *Para a história do português brasileiro: abordagens e perspectivas* (p. 204-239). J Ideia/Editora Universitária.
- Jubran, C. C. A. S. (2015). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Contexto.
- Jubran, C. C. A. S., & Koch, I. G. V. (Org.). (2006). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Universidade Estadual de Campinas.
- Jubran, C. C. A. S., Risso, M. S., Urbano, U., Fávero, L. L., Koch, I. G. V., Marcuschi, L. A., Travaglia, L. C., Silva, M. C. P., Andrade, M. L. C. V. O., Aquino, Z. G. O., & Santos, M. C. O. T. (2002). Organização tópica da conversação. In R. Ilari (Org.), *Gramática do português falado: níveis de análise linguística* (pp. 357-439). Universidade Estadual de Campinas.
- Kabatek, J. (2006). Tradições discursivas e mudança linguística. In T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro, & N. Almeida (Org.), *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises* (pp. 505-527). Universidade Federal da Bahia.
- Kabatek, J., & Simões, J. S. (2004). Sobre a historicidade de textos. *Linha d'Água*, 17, 160-167. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i17p157-170>
- Koch, I. G. V. (2002). *Desvendando os segredos do texto*. Cortez.
- Koch, I. G. V. (2004). *Introdução à linguística textual*. Martins Fontes.
- Koch, P. (2021). Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica (A. C. Costa, Trad.). *Pandaemonium*, 24(42), 360-401. <http://dx.doi.org/10.11606/1982-88372442360>
- Longhin, S. R. (2014). *Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*. Cortez.
- Marcuschi, L. A. (2000). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. Parábola.
- Marcuschi, L. A. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In A. P. Dionísio, A. R. Machado, & M. A. Bezerra (Org.), *Gêneros textuais e ensino* (pp. 19-36). Lucerna.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola.
- Oliveira, G. A. (2016). *Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista].
- Penhavel, E. (2022). A organização tópica em editoriais paulistas. In E. Penhavel, & M. R. Cintra (Org.), *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos* (pp. 68-101). Contexto.
- Penhavel, E., & Cintra, M. R. (Org.). (2022). *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos*. Contexto.

- Penhavel, E., & Guerra, A. R. (2016). O processo de organização tópica em editoriais oitocentistas do jornal “O Estado de S.Paulo”. *Acta Semiótica et Lingvistica*, 21(2), 14-28.
- Pilagallo, O. (2012). *História da imprensa paulista*. Três Estrelas.
- Pinheiro, C. L. (2003). *Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo a partir da topicalidade* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista].
- Pinheiro, C. L. (2005). *Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica*. Universidade Federal de Alagoas.
- Sales, S. (2011). *O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Santiago-Almeida, M. M. (Org.), (2017). *Projeto de história do português paulista* (Relatório Final de Pesquisa). Universidade de São Paulo.
- Souza, A. D. (2020). *Estudo da organização intratópica e das relações retóricas em minissagas* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista].
- Valli, M. V. (2017). *O processo de organização tópica em dissertações escolares* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista].
- Zanin, I. C. A. (2018). *O processo de organização tópica em cartas de redator de jornais paulistas do século XIX* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista].
- Zavam, A. (2009). *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará].